

Idéias em Debate



SENSE AND SENSIBILITY¹: A AÇÃO POLÍTICO-EDUCACIONAL CULTURAL

Desde meados dos anos 90 a pesquisa científica positivista tem sofrido uma série crescente de ataques por parte de autores das áreas de ciências sociais e sociais aplicadas. As críticas ao positivismo estão fundamentadas no argumento central de que o que é verdadeiro para as ciências chamadas "duras" (ou exatas) não o é para as "moles" (ou ciências sociais). O texto de Márcio Sá insere-se nesse contexto sendo, portanto, atual. Suas reflexões acerca do uso dos sentidos na pesquisa acadêmica, entretanto, podem conduzir a uma prática descolada de qualquer projeto coletivo, caso não se tome as devidas precauções.

Do ponto de vista técnico parece-me importante o resgate ou uso mais constante e sem culpa dos sentidos na pesquisa em ciência social. Afinal, nós sentimos o mundo. Entretanto, o homem que sente é também, e fundamentalmente, um ser político e esta me parece ser a questão central. Nós pensamos o mundo. E ao pensarmos o mundo o definimos e redefinimos.

No que se refere ao primeiro aspecto, de natureza técnico-conceitual, o autor do texto que originou esta réplica poderia ter mencionado mais explicitamente em que tipo de pesquisa os sentidos podem ser usados de forma mais intensa, de que maneira e quais as implicações disso para o conhecimento.

Mesmo tratando-se de pesquisas qualitativas, há obviamente alguns métodos nos quais o uso dos sentidos é tão importante quanto o da razão. Estudos de natureza etnográfica, só para ficar em um exemplo, requerem a imersão do autor no meio que está sendo investigado. Não me parece possível fazer uma "etnografia objetiva". Ao interagir com o objeto torna-se necessariamente importante sentir. Saber ouvir, não apenas o discurso formal dos entrevistados, mas ouvir em um sentido amplo. Refiro-me a um ouvir vinculado à aquisição da habilidade de interpretar o que está subentendido no discurso falado. A visão, da mesma forma, é fundamental na observação dos fenômenos. Ver e enxergar as diferentes possibilidades do que se vê e sobre elas sentir o que significam para o pesquisador como ser humano. O olfato pode revelar muitas características de objetos de análise específicos. Imagine, por exemplo, os diferentes odores e o que eles podem revelar em etnografias realizadas em assentamentos de colonos sem-terra, em *shopping centers* com grupos de adolescentes ou, ainda, com gays que frequentam a zona sul do Rio de Janeiro, apenas para mencionar estudos realizados por pesquisadores brasileiros da nossa área de Administração. O mesmo pode ser dito sobre o paladar. Qual o significado do gosto do que comem esses diferentes grupos? O que isto tem a ver, por exemplo, com a formação de sua identidade coletiva ou com o significado simbólico das posições de poder que ocupam? Como é possível com-

* Prof. EBAPE/FGV

¹ Título inspirado no filme "Sense and Sensibility", de Ang Lee, 1995, baseado no romance de Jane Austen.

preender este fenômeno sem exercitar o paladar e saborear as mesmas coisas? Por fim, o tato também é essencial na compreensão das interações e relações sociais. Ao tocar podemos sentir a forma das coisas e, até mesmo, a constituição de alguns objetos. Formas de tocar também podem revelar tipos de relação e seus significados, o que ajuda a compreender o objeto de estudo de forma mais completa. O uso dos sentidos só é possível, entretanto, com a convivência cotidiana com o objeto de estudo, num processo de imersão social.

Bem, o exercício dos sentidos nos leva a um estado de espírito geral sobre o objeto em análise e permite conduzir nossa compreensão do fenômeno. Aqui, neste ponto, é que quero deixar clara a minha preocupação com a parcialidade do texto de Márcio Sá. O que chamei de "estado de espírito geral" sobre o objeto não pode e não deve encerrar-se no plano individual. O que se descobre em pesquisa, assim como o que se ensina na sala de aula, conduz a um fazer; está vinculado a um tipo de *práxis*. Para mim, não é possível aceitar que nossa atividade fique no plano do egoísmo pessoal, do descobrir inseqüente ou, pior, não reflexivo e acrítico. Os animais também sentem o mundo. Nós o sentimos e o pensamos; e pensamos para agir.

Assim, parece-me que o ponto mais importante é usar os sentidos a serviço da razão que nos permita construir uma sociedade melhor e mais justa. Nas ciências sociais e, principalmente, nas sociais aplicadas, o fazer científico deve estar submetido ao projeto coletivo que se tem. Esta constatação envolve graves problemas de ordem psicológica e sociológica à medida, de acordo com a formação de cada sujeito envolvido, das manifestações de sentimentos de rejeição ou aceitação da realidade. As posições, sentimentos e condutas individuais têm espaço no mundo interior, do cognoscitivo pessoal, no plano dos sentimentos, percepções e avaliações da realidade; contudo, a ação prática, na inserção da ordem social, produz uma conduta que não pode fugir à dimensão sociológica; a contradição acaba por gerar o conflito da individualidade.

Para aqueles que como eu dedicam sua vida acadêmica ao estudo das organizações, é evidente que elas assumem papel relevante na sociedade contemporânea. São formas de estruturação do movimento cotidiano da sociedade, no qual os atores sociais se vêem cercados de valores e significados introduzidos pela evolução das técnicas. Mas o sistema organizacional da sociedade atual contempla dissonâncias e gera forte inquietude. A dialética das mudanças atuando fortemente sobre as estruturas cognitivas do corpo social abre um amplo espaço de incerteza. Nele, como caminho do futuro, se desloca o sujeito social, com as imagens de um mundo de avanços no conhecimento e dissonâncias sistêmicas.

A condição política do sujeito individual e coletivo ao enfrentamento de realidades permanentemente renovadas, só se realizará por meio da educação e da elevação cultural. A educação, base da formação da nacionalidade, da consciência social, da harmonia entre a realização pessoal e o construto de comunidade, será o significado mais importante das políticas públicas nos países que aspirarem elevados padrões de desenvolvimento. A educação é a possibilidade de superação das desigualdades coletivas e da pobreza individual. A elevação do cidadão na escala social depende do nível de sua formação, sua habilidade no treinamento da mente para incorporar novos conhecimentos. As estratégias educacionais devem estar voltadas à concretização da utopia de qualificação do sujeito individual e social. Realizada, por meio de ações públicas, a qualificação contínua do sujeito projetará os valores da vida na pluralidade dos espaços sociais.

A educação é o impulso primordial do desenvolvimento humano. É a educação que garante o significado da vida e os valores da consciência social. A educação e a elevação cultural são forças superiores da sociedade do conhecimento e da informação a transitar, continuamente, pelas coordenadas do tempo-espaço. A sociedade que evolui no tempo atual, com imagens e símbolos novos, desenvolve, também, relações novas, cujos valores estão firmemente ancorados na educação. O cenário atual, e futuro com mais razão ainda, é de incertezas, não como percepção negativa, mas como realidade imposta pela rapidez da mudança e da inovação.

ção. Serão necessárias, portanto, condições educacionais e ambientação cultural com adequação suficiente ao enfrentamento das incertezas produzidas pela evolução do conhecimento e dos costumes. Diante da juventude em tempos "pós-modernos", com os paradigmas de eficiência e competição, incorpora-se uma visão de mundo e da sociedade a exigir alto grau de formação à qualificação do desempenho. O sistema educacional não pode ficar à retaguarda dos setores mais dinâmicos da sociedade. O mote da ação político-educacional-cultural é a inovação qualitativa das práticas aplicadas ao processo ensino-aprendizagem. Mas é preciso, acima de tudo, qualificar o agente que atua no sistema educativo/cultural. Sintonizar a educação com o tempo-signo de cada época é tarefa de significativo alcance social.

A educação e, obviamente, a pesquisa, as quais geram conhecimento e asseguram formação, são os grandes portais à emancipação do sujeito individual e coletivo, garantindo a elevação do padrão cultural da sociedade. A construção de novos conhecimentos e novas técnicas via sistema de educação, motivam a sociedade a novos movimentos, novos avanços e à construção e realização de novas utopias. O entendimento de que a educação e pesquisa renovam continuamente a sociedade, pressupõe a aceitação e superação das rupturas epistemológicas em relação às estruturas cognitivas formadas e ativadas por signos de época.

O tempo-espaço da atualidade, com suas mudanças e rupturas, exige iniciativas de mérito nos campos da educação e da cultura. Iniciativas que busquem suprir a permanente insuficiência humana; insuficiência que gera ansiedade existencial, conflitos interiores, manifestações de insatisfação. A educação é o instrumento que permite superar as fragmentações sensitivas do tempo de vida.

A configuração educação/cultura converge na necessidade de assegurar os dispositivos político-sociais de emancipação do sujeito individual e social. Colocando-se na temporalidade da presente época, essa configuração irá contribuir decisivamente à mobilidade social concreta e positiva e, portanto, à caracterização do sujeito objeto da ação político-educacional-cultural. Todo sujeito é cultural. Retrata sempre uma condição de cultura adquirida e outra de cultura construída.

O ambiente educacional coloca a questão fundamental do significado da qualificação do ser. Se o ambiente é favorável, ele próprio revestido dos métodos e técnicas que conduzem à qualificação da ação educacional, o produto dele derivado também se revestirá de qualidade. Portanto, produzir ambientes educacionais de qualidade dá significado ao esforço político-social em atenção à formação da juventude, detentora da herança dos comandos na sociedade. Os objetos de comando estão numa sociedade cultural, técnica e científica. Plantar no ambiente educacional as sementes da inovação, dos programas e planos de atualização dá o significado superior à ação política e educacional responsável pelo avanço da sociedade. A sociedade humana é uma totalidade instituída em fragmentações comunitárias, cuja representatividade local deve ser partícipe na elaboração das ações a ela voltadas. A nova modernidade em que vivemos impõe o salto conceitual na condição e na realização humanas. O que permite, tomando o tempo como uma categoria central de análise às realidades que se sucedem sob novos signos, sentenciar que o ser humano só alcançará a plena realização por meio de uma sólida formação educacional e cultural, no âmbito de um projeto coletivo.

Para finalizar retomo o ponto de onde parti, qual seja, o perigo implícito, talvez, no texto de Márcio Sá. A questão dos sentidos e sentimentos só é relevante quando sai do plano pessoal (psicológico) e vai para o plano coletivo (sociológico), do ser como ator político que também faz pesquisa.